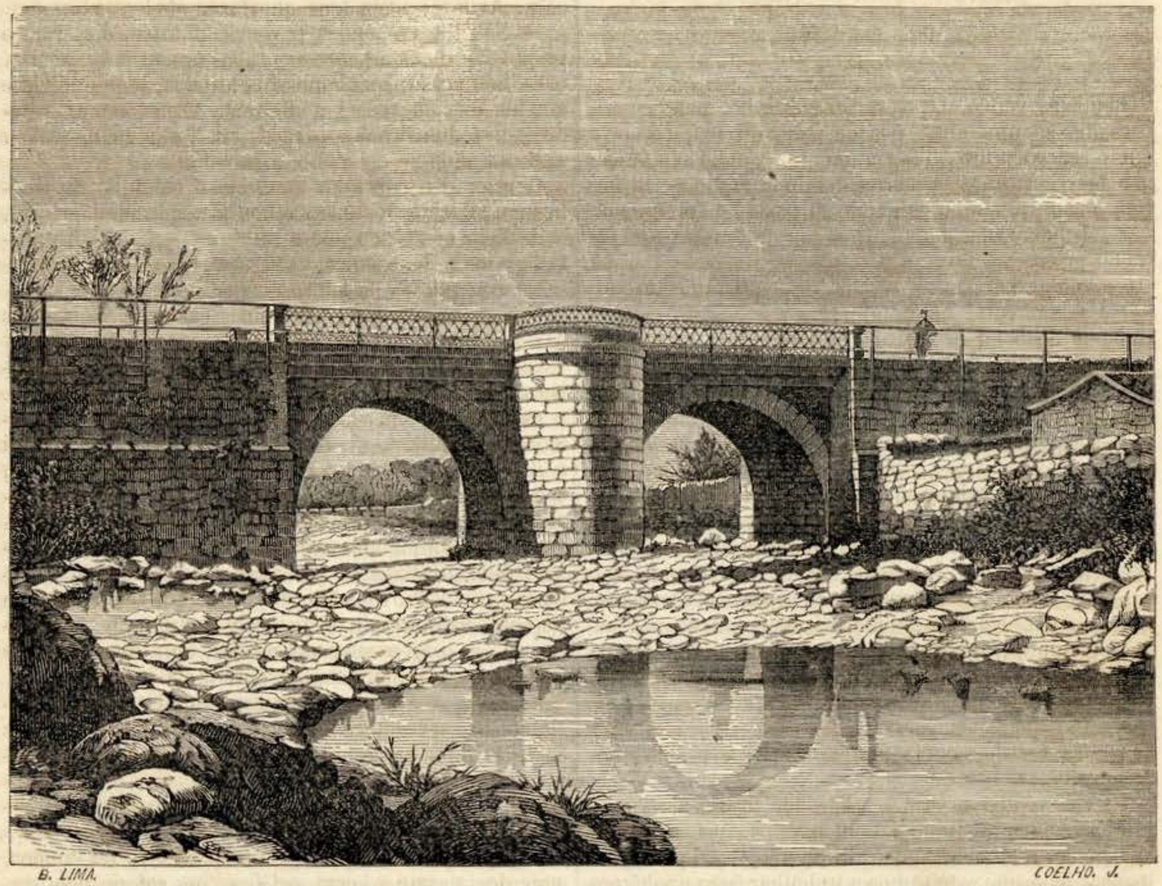


Ponte de Afife

Junto da estrada que vae da cidade de Vianna do Castello para a villa de Caminha está o logar de Afife, edificado em um valle, e distante d'aquella villa uns 7 kilometros.

Tem esta aldeia uma egreja parochial, da invocação de Santa Christina, que foi muito notavel outr'ora por ser o seu abbade apresentado alternadamente pelo papa, pelo arcebispo de Braga, e pelos religiosos do convento dominicano da cidade, então villa, de Vianna.

Encosta-se a povoação do lado do norte a uma serra conhecida pelo nome de *Santa Luzia*, na qual existem ruinas de um castello antigo, que aquelles povos denominam *Crasto de Moiros*, ou *Cividade*. D'este ultimo nome tiram fundamento alguns antiquarios para suppor que houve alli uma povoação romana. Despenha-se d'esta serra uma ribeira. Rebenta o manancial em um dos mais altos cumes da montanha, chamado *Chãa de Cobellos*. Ao principio corre docemente em leito plano, e por entre margens relvosas; depois precipita-se sobre fraguedos pelas quebradas da serra. Na sua entrada no valle recebe o tributo de tres pequenos regatos, e banha ahi os muros do antigo e extincto mosteiro de Cabanas, do qual toma o nome. N'este sitio é cortado pela primeira ponte de pedra.

Antes de proseguirmos, diremos que o mosteiro pertenceu aos monges benedictinos, os quaes primitivamente viveram em covas ou grutas na serra visinha, depois em cabanas, e a final no dito mosteiro, que o povo, em memoria da antiga morada dos monges, começou a chamar *das Cabanas*, e que assim se ficou denominando, e juntamente com elle o rio e a ponte.

Continuando o seu curso, passa o rio pela povoação de Afife, e d'ahi a pouca distancia lança-se no Oceano. N'esta freguezia troca o nome de Cabanas pelo de *Afife*, que se torna tambem commum a uma segunda ponte que ahi o atravessa. Esta ponte vê-se representada em a nossa gravura.

A primeira fundação d'esta ponte tem bastante antiguidade. Tem tido diversas reconstrucções, sendo a ultima a que se lhe fez ha poucos annos para dar passagem á nova estrada de Vianna do Castello a Caminha.

Durante o inverno é caudaloso o rio de Afife; porém no verão fica reduzido a uma pequena ribeira, da qual se utilisam os habitantes para fazer trabalhar várias azenhas, servindo-se pouco d'ella para rega dos campos, por ficarem estes muito mais altos que o alveo do rio.

Na maior força do estio chega a perder a corrente ao avisinhar-se do mar. Assim tambem as suas margens, que no interior do valle se guarnecem de arvoredo, vão despindo a sua pomposa vegetação á maneira que se aproximam do Oceano. Não se pense, todavia, pelo que se vê em as nossas provincias do sul, que as visinhanças da costa são alli aridas e tristes. A provincia do Minho goza do privilegio de possuir mui risonhas paizagens até junto das praias do mar. A estrada macadamisada de Vianna a Caminha, não obstante ser quasi banhada das ondas, é uma das mais bellas do reino pelo viço e amenidade dos prados que vae cortando.

Ha n'esta freguezia um forte edificado sobre rochedos, junto do mar, chamado *forte do Cão*. Acha-se, porém, sem artilheria e arruinado.

A gravura que publicâmos é cópia de uma photographia da excellente e numerosa collecção do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O MAU FILHO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Vid. pag. 282)

VII

Baptista, vendo o prior e o sobrinho, pareceu sobresaltar-se um tanto, porque, sem dúvida, receiava que o reprehendessem severamente, como o seu proceder merecia; mas procurou dominar a sua perturbação, e comprimentou os dois com bastante serenidade.

— D'onde vens, Baptista? — perguntou-lhe o reverendo prior.

— Venho dos Somos, respondeu Baptista perturbando-se novamente, onde fui ver se o cesteiro Miguel tinha já acabado os cestos que havia dias lhe encommendára.

— Então consumiste muito tempo d'aqui a casa do Miguel, que dista um quarto de legoa apenas.

— É que... Miguel teimou para que jantasse com elle.

O prior e o sobrinho, excessivamente sinceros, como costumam sêl-o as pessoas honradas, julgaram que Joanna se enganára. E não duvidaram tambem de que Baptista vinha dos Somos e não de Avellaneda.

— Mas é possivel, Baptista, continuou o sacerdote, que te descuides da herdade até ao ponto de não revolver um torrão, quando já todos os lavradores do sitio estão concluindo as sementeiras? Que pensas a este respeito, Baptista?

— Não quero semear.

— Ora essa! — exclamaram o prior e o sobrinho. Assim deixas...

— Vou vender a casa e a herdade, e irei viver com minha irmã para Bilbao. Com o valor d'estas miseraveis geiras estabeleceremos alli uma loja, porque n'este logar, ainda que estoiremos a trabalhar, não ganhâmos para a açorda.

— Vender a casa e a herdade! — exclamou o prior tão indignado como Joanna e Mattheus ao ouvirem a revelação de similhante projecto. Pois é possivel, Baptista, que renegues a tua familia até ao ponto de vender a casa em que nasceram e viveram os teus antepassados; em que teus paes nasceram, viveram e morreram; em que tu nasceste... Baptista, ou zombas, ou enlouqueceste!

— Nem enlouqueci, nem zombo, replicou Baptista com insolencia. Admira-me na verdade que vossas senhorias se mettam em camisas de onze varas. Sou o irmão mais velho, e posso, portanto, fazer da casa e da herdade o que me der na vontade.

— Estes bens não são só teus. Pertencem tambem a teus irmãos.

— Dando a cada um a parte que lhe pertença, ficâmos quites. Amanhã, que é domingo, mandarei affixar na porta da egreja o annuncio da venda.

— Isso é infame! — exclamaram o prior e o sobrinho.

Joanna desfazia-se em lagrimas sem se atrever a soltar um queixume.

— O que disse, disse; faço o que se me afigura melhor, replicou Baptista cada vez mais insolentemente. Mettam-se com os seus negocios e não curem dos do visinho.

O reverendo prior ia responder, mas Baptista voltou-lhe as costas e entrou para casa a cantar:

Em casa tinha eu um livro.
Dizia a letra:
Nos negocios alheios
Ninguem se metta.

— Joanna, disse o prior, deixa esse monstro; vem comnosco e não tornes a olhar-lhe para o rosto.

— Não me atrevo, respondeu Joanna, não me atrevo, porque seria capaz de matar-me.

— Joanna! Joanna! — gritou Baptista do interior da casa. Avia-te; nada tens que fazer ahi!

— Não lhe respondas e vem comnosco, disseram o prior e Mattheus á pobre rapariga, procurando detel-a.

— Não posso; matar-nos-hia a todos, logo que visse que eu ia com vossas senhorias. Adeus, adeus, obedecerei a meu irmão, para evitar-lhe os maus tratos.

E apressou-se em subir a escada.

O prior e o sobrinho tomaram o caminho de Gueñes em silencio, e com os olhos arrasados de lagrimas.

A meio encosta, onde o caminho de Echederra cruzava com o dos Somos, pararam para descançar.

Os sinos de Santo Isidro tocavam á oração. O sacerdote e o mancebo descobriram a cabeça e rezaram as Ave-Marias.

— Não duvide, meu tio, disse Mattheus quando acabaram de rezar, que Baptista venderá a casa paterna. É mister que a herdade de Echederra continue a pertencer á familia que a possuiu sempre. Empregarei n'ella o escasso capital que me deixaram os ladrões, e quando Ignacio regressar da America, se Deus quizer que regresse, poderei dizer-lhe, quer venha pobre, quer rico: «Aqui tens o lar de teus paes, que teu irmão quiz arrebatar-te por meio de uma venda sacrilega.» Se a Providencia permittir que eu case com Joanna, habitaremos Echederra até que Ignacio regresse, e com o suor da nossa fronte fertilisaremos as terras que hoje estão descuradas e incultas.

— Approvo a tua nobre resolução, Mattheus! — exclamou o sacerdote enternecido e lançando os braços ao collo do sobrinho. A grandeza da alma torna o homem superior!

— Não é o cesteiro Miguel que vem ao longe? — disse Mattheus indicando o extremo da collina.

— É, respondeu o prior; e não parece vir dos Somos, onde devia estar a jogar, pelo que nos referiu Baptista.

Miguel, que vinha a cavallo em um muar, chegou pouco depois ao sitio em que os dois descançavam.

— Boas tardes, ou, antes, boas noites, sr. D. José e sr. D. Mattheus, disse Miguel parando o muar.

— D'onde vem por ahi, Miguel?

— De Bilbao, onde fui vender alguns cestos.

— E correu bem o negocio?

— Nem por isso, sr. prior, porque me demorei alli dois dias, e a final vendi os cestos por todo o preço. O que havia de fazer? Correm mal os tempos, e com a cavalgadura gasta-se muito. Deu-me Deus genio tão inquieto, que sou homem perdido se estou dois dias sem ver a mulher e os filhos. Que quer, sr. prior, como o outro que diz: *o que o berço dá, a cova o tira*. A mulher e os filhos dão-nos agua pela barba; mas... que diacho! são ao mesmo tempo a cadeia que nos prende e arrasta, embora não queiramos. E vv. s.as vieram dar um passeio até aqui? É mui acertado, porque assim o sr. D. Mattheus restabelecerá as forças.

— E deitámos, como quem não quer, até Echederra.

— Foi um passeio mais que regular. Que me dizem a respeito d'aquella familia? Souberam alguma coisa de Ignacio? Ha já um seculo que não vejo Baptista nem Joanna.

— Elles nada sabem de Ignacio.

— Se Ignacio estivesse em Echederra, melhor andaria alli o amanho da casa. Baptista é folgasão e desleixado. Perguntem-n'o á herdade, e esperem a resposta. Se Martinho e Maria, que Deus haja, erguessem a cabeça do sepulchro e vissem como está a sua casa, tornavam a morrer de pezar.

— Saiba que Baptista projecta vender a casa e a herdade.

— Que me diz v. s., sr. prior? — exclamou Miguel persignando-se.

— O que ouviu.

— Custa acreditar similhante desatino! É possivel que haja quem tenha valor para vender, por assim dizer, o escabello em que se sentaram os avós, os bisavós, todos os antepassados, em fim! Pelo oiro do mundo, não venderia eu a minha casa, nem a minha herdade. Póde haver nada mais glorioso que dizermos todos os dias: esta arvore foi plantada por meu pae; est'outra por meu avô; aqui brincavamos meus irmãos e eu quando eramos pequenos; aqui sentava-se minha boa mãe; aqui... mil coisas, em fim, que ninguem explica? Baptista é mau individuo. Se Ignacio, que é excellente moço, soubesse o que occorria, voltava a Echederra o mais breve possivel, e não consentiria similhante venda. Ajustaria as contas com esse Baptista!...

— Para evitar que o pobre Ignacio se encontre sem a casa onde nasceu, meu sobrinho Mattheus irá compral-a.

— Muito bem feito! E já comprehendi, sr. prior, disse Miguel com sorriso de alegria. Então o sr. D. Mattheus sempre se casa com Joanna? Dou-lhe os parabens. Aquella rapariga vale mais oiro do que pesa. É o retrato vivo da infeliz Maria. Herdou-lhe as virtudes... Que tratos lhe dá o hereje de Baptista! Perdõe-me Deus, sr. prior; mas que coisas se vêem n'este mundo!

— Como, apesar do roubo, meu sobrinho passa por abastado, Baptista quererá fazer-lhe pagar caro o capricho...

— Certamente, sr. prior, Baptista é avarento!

— Para evitar isso, fazer-nos-ha um favor.

— Com a melhor vontade, sr. prior. Digam-me vv. s.as em que posso servil-os.

— Comprando, como se fôra para ti, a herdade de Echederra.

— Não é preciso mais nada. Serão servidos. Ámanhã, depois da missa do dia, concertaremos o projecto.

— Muito agradecido, bom homem.

— Nada me devem, e por isso não acceito o agradecimento. Quando se trata de alguma acção boa, o cesteiro Miguel gosta de auxilial-a. O dito, dito. Boas noites. Que querem vv. s.as para os Somos?

— Lembranças para tua mulher.

— Agradecel-as-ha muito. Dêem tambem saudades da minha parte á sra. Antonia.

— E podémos accrescentar que ámanhã tenha preparado o almoço para vossemecê.

— Não virá fóra de proposito, sr. D. José. Estimo as melhoras do sr. D. Mattheus, e até ámanhã.

— Até ámanhã.

O cesteiro seguiu o seu caminho, e o prior e o sobrinho continuaram o de casa, á luz da lua, cujos raios prateavam as collinas.

VIII

Em uma das ruas mais escuras e solitarias de Bilbao havia uma pequena loja, onde entravam pessoas de aspecto miseravel. Estas pessoas iam dar e pedir dinheiro, mas rara vez comprar.

Atraz do balcão via-se constantemente Baptista, contando e tornando a contar dinheiro, atando e desatando trouxas de roupa usada, dobrando e desdobrando recibos, cuja procedencia e cujo valor conhecia, embora não soubesse ler. Chamava Joanna de vez em quando, da porta interior; a rapariga apparecia immediatamente ao balcão, e, por ordem de Baptista, escrevia apontamentos em um livro, ou acertava com a penna uma conta, que o irmão já acertára com os dedos.

Inspiravam profunda compaixão a magreza de Joanna e a miseria que se lhe descobria nos vestidos.

Para ella já não havia descanço, nem afagos, nem conforto que lhe enxugasse as lagrimas que derramava com frequencia, lembrando-se de seus paes, do irmão Ignacio, de quem nada sabia, e de Mattheus, que não se restabelecêra completamente. A recompensa do seu trabalho era a miseria, a fome, os insultos e tratos; mas dos labios de Joanna nunca saíra um queixume.

Baptista, valendo-se da sua força e da fraqueza da pobre menina, conquistára tal dominio sobre esta, que Joanna tremia só ao ouvir a voz d'elle. O olhar de Baptista impunha-lhe silencio, e curvava-lhe a fronte com mansidão e resignação taes que desarmariam um tigre.

Entrou certa noite na loja de Baptista um homem de mãos e cara ennegrecidas.

Baptista descórou ao vêl-o, e apressou-se em fechar a loja, apesar de não ser ainda a hora ordinaria de fechal-a. Depois cerrou a porta interior, verificando primeiro se a irmã estava distante, e foi sentar-se ao lado do recem-chegado, que se sentára quasi sem comprimentar o dono da casa.

— Que ha de novo, Chomin? — perguntou Baptista.

— Nada que espante! — respondeu o recem-chegado. É que o passaro cança-se na gaiola, e diz que, se vossés não o tirarem d'ella, como lhe prometteram, *cantará* de outro modo. Em quanto eu lhe fiz companhia, teve paciencia; mas logo que me deram liberdade, porque provei, com a declaração da padeira Jacintha e de outras testimunhas, que passei a noite da *festa* cantando na choupana, segundo o costume, o pobresinho morre de enfado, e *cantará, cantará* a valer, até que, attrahidos por seu canto, vossês o vão acompanhar.

Baptista bateu com o pé no chão, soltou uma phrase de arrieiro e disse:

— Por que hei eu de ter só as culpas, quando a obrigação de padecel-as cabe a todos?

— De vagar, meu amigo, porque já paguei a contribuição. Por vinte miseraveis onças que me déste, estive vinte semanas *á sombra;* em quanto vossês, sem contar as joias, lamberam-se com mais de duzentas onças cada um, e não dormiram uma noite sequer na cadeia de Avellaneda. Os outros deram ás de Villa Diogo; e tu, por consequencia, és o unico que corres o risco de... bem me entendes; convence, pois, á força de oiro, os homens da justiça para que abram a porta da gaiola.

— Juro-te, Chomin, que não tenho um real...

— Não me embaças a mim, Baptista. Tiras ahi a pelle a todos, pois estás emprestando a cem por cento ao mez. Sei tudo! Anda, pois, com cautela, porque em Gueñes anda já certo zum zum que não póde agradar-te muito.

— Que me importam as fallacias das pessoas de Gueñes?

— Não sabes a historia de Rumbana?

— Não, nem quero saber.

— Pois não ha ninguem nas Encartações, velhos e moços, que não sáibam o que aconteceu a Rumbana. Vou contar-te essa historia, visto que não a sabes.

— Deixa-te agora de historias, porque nada tenho com ellas, Chomin.

— Verás se tens. Ouve, ouve, meu amigo. Rumbana morava em Zalla, e por muito tempo se entregou a uma vida de principe, com o producto da venda da casa e herdade de seus paes. O oiro acabou-se-lhe a final, e Rumbana andava desesperado vendo que se lhe acabára a boa vida. Deu tratos á imaginação para recuperal-a, e uma noite foi-se a Gueñes, metteu a mão furtivamente no cofre de um homem que chegára da America, e voltou a Zalla, mais alegre que as paschoas, com a nova provisão de pecunia. A justiça lançou as suas linhas, mas nada caiu nos anzoes, e o auctor da proeza ficou impune. Quando já se não

fallava d'ella, entre pobres e ricos, moços e velhos, pequenos e grandes, fracos e fortes, circulou de subito um zum-zum de que *Rumbana gastava o dinheiro de Gueñes*. Aos ouvidos da justiça de Avellaneda tambem chegou o zum-zum; d'esta vez Rumbana não a illudiu, e foi dar com os ossos na forca. Ora aqui tens a historia; applica-a, e vê se o que se diz agora em Gueñes a teu respeito chega ao conhecimento da justiça. Esta não te perdoará, fica certo. Amigo, tu disseste: «Hoje tenho dinheiro, mas não posso gastal-o em Gueñes, nem em Bilbao, porque podem dizer: «d'onde saem as missas?» e responderem: «da casa do prior.» Mettamo-nos, pois, no commercio, depois de vender a casa e a herdade, e estabeleçamo-nos longe, para que os que me conhecem bem não observem as minhas transacções.» Não é verdade, amigo Baptista, que foi assim que pensaste?

— Mas para que é esse palavriado, Chomin?

— Digo-te que procedeste com engenho, e que melhor andarás esta noite se me deres uma duzia de onças, para ver se, untando com ellas as mãos dos carcereiros de Avellaneda, abrem a porta da gaiola para o passaro fugir.

— É impossivel, Chomin; digo-te que é impossivel, porque não as tenho; e, embora as tivesse, parece-te que ainda não dei bastante?

— Faze o que quizeres. Darei a tua resposta ao passaro engaiolado e verás como *canta*...

— Mau raio de Deus me fulmine se isto é viver! — exclamou Baptista com desesperação. Isto é padecer milhares de mortes; isto é o inferno na terra! Não durmo, nem descanço... sempre em sobresaltos, sempre com pesadêlos, sempre com o inferno na alma! Sou o homem mais desgraçado d'este mundo.

Chomin poz-se a cantar, com sorriso ironico:

Tu o quizeste,
Ó João Lenhas,
Como quizeste,
Assim o tenhas.

— Pois aconselho-te, meu amigo, accrescentou, que me dês as doze onças, porque, se não, cantará o passaro.

Baptista rangeu os dentes, meneou a cabeça, soltou horrivel blasphemia, abriu uma gaveta, e tirando d'ella seis onças de oiro, lançou-as para cima do balcão.

— Venham as seis que faltam, disse Chomin sempre no mesmo tom ironico.

— Não tenho mais.

— O passaro carece de doze.

Baptista atirou mais uma onça para cima do balcão.

— Não me demores... dá-me as cinco restantes, amiguinho.

Baptista soltou outra onça e outra blasphemia.

— Olha que faltam poucas.

— Agora não tenho mais.

— Então o passaro cantará.

Baptista lançou no balcão outra onça.

— Faltam só tres. Dá-m'as.

— Tres raios que te espedacem, e a mim tambem.

— Olha que o passaro está dando saltos na gaiola, e depressa cantará!...

Baptista deu outra onça, acompanhando-a de nova blasphemia.

— Cobra animo! Agora é que falta muito pouco, amigo!

— Não dou mais, ainda que me esfolem vivo!

— Se o passaro cantar, não quero estar na tua pelle!... Safa!

Baptista deu outra onça.

— Mais um esforço, e o resto virá.

— Não dou mais, ainda que me façam em postas.

— Vou direito á cadeia... e veremos.

— Quer a justiça saiba, quer não saiba... já disse!

— Avarento! Por uma só onça consentirás que te levem á forca?... Olha, meu amigo, não será muito agradavel estar pendurado tão alto com uma corda ao pescoço!...

Baptista, mostrando-se excessivamente despeitado, arremeçou a ultima onça para o balcão, dizendo:

— Ahi tens, e compra a corda!

— Essa despeza compete ao carrasco, replicou Chomin com serenidade, guardando a onça. Abre-me a porta, porque desejo ir agora a Avellaneda para convencer o carcereiro, ou introduzir este dinheiro pelos ferros da gaiola. Volto em seguida para o pinhal da Arbosa, para ver se aproveito o trabalho que alli deixei começado, visto que vossês, sendo tão miseraveis para commigo, obrigaram-me a usar novamente do machado.

Baptista, fingindo tomar a chave da porta, puxou por uma faca que estava escondida no balcão, e empunhando-a dissimuladamente, deu um passo para o carvoeiro.

— Estou prevenido, meu amiguinho, disse Chomin, continuando a mostrar serenidade de animo, e tirando do jaleco uma pistola, que engatilhou; se não encontrares a chave da porta, abrirei *com esta* as portas e as janellas, depois de experimental-a primeiro na tua cabeça ou nas tuas costellas... como quizeres!

Baptista deixou cair a faca, balbuciando uma desculpa de covarde, e apressando-se em abrir a porta, pela qual Chomin desappareceu.

Entreabriu em seguida a gaveta, e, ao ver o vacuo que n'ella deixaram as doze onças de oiro, proferiu as maiores blasphemias, e arrancou os cabellos como desesperado.

Passados alguns dias, o proprio Baptista achava-se na loja quando o carteiro lhe entregou uma carta, franca de porte, e cuja primeira direcção, *Gueñes*, fôra riscada e substituida pelo nome de *Bilbao*.

Baptista chamou a irmã, a quem ordenou que lesse a carta, que Joanna leu chorando de alegria.

A carta era de Ignacio.

Ignacio, que já sabia a morte dos paes, escrevia aos irmãos, annunciando-lhes o proximo regresso; dizia-lhes tambem que possuia, não a herança que fôra buscar, e que inutilmente reclamára, mas uma grande riqueza, de que podia dispor como lhe aprouvesse, porque lhe pertencia exclusivamente. Compensára-o Deus de suas fadigas, concedendo-lhe em poucos annos maior riqueza que a que em toda a vida grangeiam os europeus que exploram a America. Um compatricio estabelecido no Mexico auxiliára-o na demanda que intentára contra os testamenteiros do fallecido tio; porém, morrendo aquelle bemfeitor sem herdeiro legitimo, legára-lhe immensa fazenda para indemnisal-o da perda de suas esperanças, que era então já inevitavel.

«Sou em fim rico, terminava Ignacio, e os meus irmãos hão de participar da riqueza se, como espero, ainda são dignos do meu affecto.»

A desesperação de Baptista, quando a irmã concluiu a leitura da carta, não teve limites. Se Ignacio trouxesse a herança que fôra buscar, Baptista poderia reclamar o quinhão que lhe pertencia; mas procedendo de outra fonte os teres do irmão, nada tinha que reclamar. Além d'isso, Baptista comprehendeu que havia ameaça nas ultimas palavras da carta de Ignacio.

Reconhecendo que procedêra indigna e miseravelmente para com seus finados paes e para com sua atribulada irmã, e não podendo já lisonjear os primeiros para que o justificassem, procurou lisonjear Joanna por todos os modos.

A situação da infeliz orphã, desde o dia em que

se recebeu a carta de Ignacio, mudou inteiramente. Baptista deu á irmã criados que a servissem; offereceu-lhe custosos vestuarios; cercou-a de commodidades e meiguices; nada, em fim, poupou para alimentar-lhe a alegria da vida.

Joanna, que não suspeitava, pela natural boa fé, os intuitos do irmão, acreditava que o Ente Supremo esclarecêra a alma de Baptista; julgava-se feliz vendo a mudança do seu verdugo; e o amor fraternal, que se transformára insensivelmente em odio, ia pouco a pouco recuperando o antigo imperio no coração da incauta menina.

Joanna começava a estimar Baptista com ternura egual á que dedicava a Ignacio.

(Continua)

O FOGO

(Vid. pag. 284)

XVI

FOGO VOLCANICO

Dissemos que a espessura da crôsta solida terrestre que envolve a massa ignea em fusão não excede 12 legoas. Uma tão delgada casca deve soffrer quando é



Fig. 24 — Erupção de granito

actuada pelas ondulações da massa incandescente interior. Parece que taes ondulações são mais energicas quando são determinadas pelas attracções do sol e da lua sobre a massa ignea, que assim apresentam um phenomeno de fluxo e refluxo analogo ao das marés. Seja como for, quando as ondas incandescentes do oceano interior vierem bater de encontro á crôsta terrestre, haverá um tremor de terra, sobre uma extensão de terreno maior ou menor. Quando a acção das vagas incandescentes tem força para romper o involucro solido, abrem-se fendas que estabelecem uma communicação directa entre a superficie exterior da terra e o seu interior, formando-se um volcão, pelo qual as materias das ondas igneas sairão para fóra; haverá, pois, uma erupção volcanica, e as lavas de materia fluida incandescente correrão para fóra da abertura ou cratéra do volcão, solidificando-se depois pelo esfriamento.

A communicação entre o interior da terra e a sua superficie póde ser permanente, ou póde cessar: no primeiro caso, o volcão é activo; no segundo, fica extincto.

Nos volcões activos, a erupção de lavas póde ser continua ou intermittente. Temos um exemplo do primeiro no Stromboli, n'uma das ilhas Lipares; e um exemplo do segundo no Vesuvio, em Napoles; no Etna, na Sicilia, etc.

Desde a mais remota antiguidade que os tremores de terra tem sido um objecto de terror para a humanidade, sendo apenas um insignificante incidente para a historia natural do globo terrestre.

Em certos casos, os tremores de terra são precedidos de rumores subterraneos, umas vezes surdos e prolongados, outras vezes subitos como um trovão. Estes sons são devidos ao estalo e ruptura das rochas pela pressão sobre ellas exercida pelos fluidos do interior da terra; como esta é boa conductora dos sons, por isso estes se ouvem ás vezes a grandes distancias; mas, em geral, o estado atmospherico não tem relação alguma com estes phenomenos, o que não admira, porque a causa dos terremotos é uma causa interna.

O horrivel terremoto de 1755, em Lisboa, foi precedido de um grande ruido subterraneo que durou alguns minutos; mas o estado da atmosphera era sereno. Foi em uma bella manhã do dia 1 de novembro, por occasião dos habitantes se dirigirem em grande numero á missa, que o desastroso acontecimento soprendeu a antiga capital de Portugal. Diversos abalos do solo, durante o tempo de dez a doze minutos, fizeram desabar um grande numero de casas e templos, levantando uma enorme poeira que obscureceu o sol. O mar, que ao principio se retirára, com a repetição

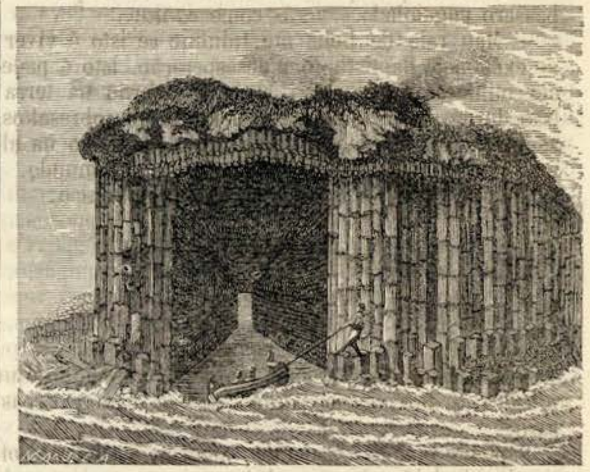


Fig. 25 — Gruta de Fingal

dos abalos, voltou, elevando-se 15 metros acima do nivel ordinario, precipitando-se sobre a cidade; mas, retirando-se instantes depois, continuou extraordinariamente agitado durante toda a noite, lançando e despedaçando contra a terra os barcos e os numerosos habitantes que sobre as aguas tinham procurado refugio. Foi sobre tudo nas egrejas que houve maior numero de victimas. Horas depois do fatal acontecimento, o fogo rebentava em diversos pontos da cidade, que parecia o campo de batalha da agua, da terra e do fogo! O numero de victimas não foi inferior a 60:000.

Graças á energia do marquez de Pombal, então ministro e todo-poderoso, no fim de dez annos a cidade achava-se reedificada. Desde então não tornou a haver nenhum grande terremoto. Os abalos do solo do grande terremoto de 1 de novembro de 1755 estenderam-se até á Laponia, a Argel e ás Antilhas.

No dia 5 de fevereiro de 1783, um horrivel tremor de terra, que apenas durou dois minutos, oscillando o solo em diverso sentido, fez desabar muitas cidades e aldeias da Calabria e Sicilia; a cidade de Messina ficou sepultada nas suas ruinas; mais de trezentas villas e aldeias foram deitadas abaixo; um grande numero de fendas se abriu no solo. A cidade de Terranova, construida sobre tres grandes fendas do solo na extremidade de uma planicie, foi completamente

arrasada, precipitando-se as suas ruinas nos abysmos, fechando-se o caminho a um pequeno rio, o que deu logar á formação de um lago de agua estagnada, que, achando-se carregada de cadaveres, infestou o paiz, desenvolvendo horriveis febres, que juntaram mais um flagello aos que já affligiam os habitantes d'esta parte das Calabrias.

Durante os tremores de terra, os animaes experimentam uma extraordinaria agitação; tem geralmente um certo presentimento que annuncia o terrivel phenomeno. Foi um facto observado em diversos terremotos, e que é confirmado pelas descripções de Humboldt dos tremores de terra na America, o extraordinario presentimento dos animaes sobre aquelles terriveis phenomenos.

A apparição dos volcões está intimamente ligada ao phenomeno dos tremores de terra. Em virtude dos grandes abalos do solo, abre-se uma fenda na crôsta terrestre que determina a communicação com a massa ignea interior, que então faz erupção.

As erupções da materia em fusão ignea vinda do centro da terra, e que depois solidificou, deram logar á formação de rochas, que formam os terrenos eruptivos que se acham misturados ou intercalados com as massas estratificadas de todas as epochas.

As erupções mais antigas formam as rochas graniticas, que se compõem de quartzo, feldspatho e mica. Estas erupções manifestaram-se principalmente durante as epochas primitiva e de transição. O granito mostra-se á superficie do solo principalmente nos paizes de montanhas: nos Pyrenéos, nos Alpes, etc. É a pedra monumental por excellencia, pela sua grande dureza e possibilidade de ser polida. As mais bellas explorações fazem-se na Suecia e Norwega.

As erupções que houve na epocha secundaria deram logar á formação das rochas porphyricas e trappeanas. Os porphyros são rochas muito duras, e susceptiveis de polimento. Compõem-se de feldspatho compacto, silica e quartzo. Apresentam diversas côres: o vermelho é o mais bello. Servem para fazer columnas, vasos, decorações, etc. A maior massa de porphyro vermelho conhecida é o obelisco de Sixto v, em Roma. As rochas trappeanas não tem quartzo; são verdes ou escuras, e mais fusiveis que o porphyro.

As erupções volcanicas tiveram logar desde a epocha terciaria. As primeiras formaram as rochas trachyticas, que apresentam uma estructura porosa de côr variavel com cristaes disseminados de feldspatho, etc. Depois seguiram-se as erupções basalticas. O basalto é uma lava negra e compacta, de estructura frequentemente prismatica, formada de grãos finos.

Os terrenos basalticos apresentam fórmas muito pittorescas nas suas lavas; umas vezes representam columnadas de prismas regulares: em alguns casos estas columnas acham-se quebradas no mesmo nivel, e formam uma estrada frequentemente de grandes dimensões, disposta como em degraus de amphitheatro; outras vezes formam grutas naturaes. A celebre gruta de Fingal, na ilha de Staffa, uma das Hebridas, acha-se aberta no meio de immensas columnas prismaticas de basalto, continuamente batidas pelas vagas.

As erupções lavicas formam as rochas volcanicas de mais recente data. Comprehendem os volcões extinctos actualmente, e aquelles que se acham em actividade.

Todos os phenomenos que nos apresentam os actuaes volcões são, como diz Humboldt, o resultado da acção do nucleo fluido interior do nosso planeta contra a sua crôsta exterior. Quando se estabelece uma communicação entre o interior da terra e a sua superficie, as lavas, ou materia incandescente em fusão, sobem e fazem erupção. A fig. 26 representa um volcão em actividade.

São trezentos os volcões actualmente em actividade á superficie da terra. Alguns são isolados, podendo accidentalmente estabelecer-se bocas eruptivas secundarias nos seus flancos: taes são o Vesuvio, em Napoles; o Etna, na Sicilia; o Stromboli, n'uma das

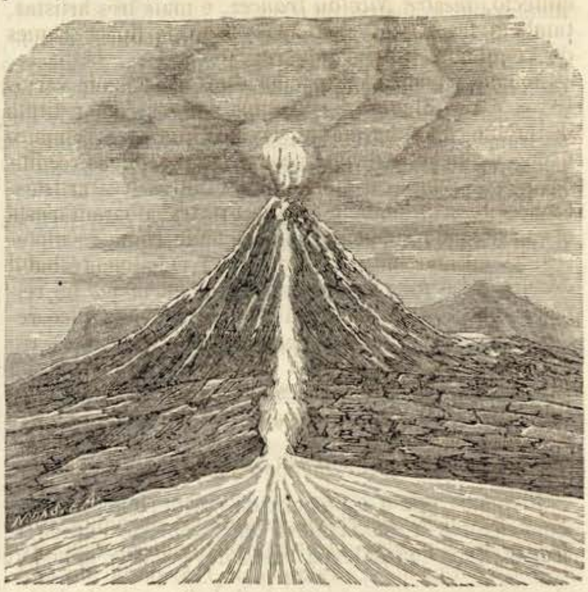


Fig. 26 — Volcão em actividade

ilhas Lipares; as Furnas, em S. Miguel; o das ilhas Sandwich, etc. Outros são dispostos ao longo de fendas que se prolongam sobre grandes extensões: taes são os das Antilhas, os da Sonda, etc.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 233

III

REEDIFICAÇÕES DO MOSTEIRO

Eram passados quasi quatro seculos depois que el-rei D. Affonso Henriques, querendo alargar e ennobrecer a humilde casa de oração, onde se recolhêra S. Theotonio com os seus companheiros, lançára a primeira pedra nos alicerces do novo mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Apesar da solidez da construcção, que assimilhava o mosteiro, na fortaleza das paredes, ás torres ameiadas com que o fundador o cercára para sua defensa, o edificio mostrava já em diversas partes, e mórmente na egreja, as injurias do tempo, e, além d'isso, os estragos causados por uma grande cheia que sobreveiu repentinamente por effeitos de uma trovoada, no dia 14 de junho de 1411.

Era já entrado o seculo XVI. Empunhava então o sceptro el-rei D. Manuel, e o seu throno refulgia com a gloria dos descobrimentos e conquistas portuguezas na Africa, na Asia e na America. Desejando este soberano que as grandezas e venturas do seu reinado ficassem estampadas em monumentos publicos, que tambem commemorassem a sua piedade religiosa, fundou ou reconstruiu por todo o reino templos magnificos, muitos dos quaes ainda hoje dão testimunho da florescencia das artes e do subido grau de prosperidade a que chegou Portugal n'essa epocha gloriosa.

Não podia, portanto, deixar de attrahir a solicitude de D. Manuel o monumento levantado pelo fundador da monarchia, por elle escolhido para a sua derradeira morada, e agora ameaçando ruina. Assim, pois, ao mesmo tempo que o cinzel esculpia no marmore aquelles arabescos gentis, e mil variados lavores, que admirâmos no templo de Nossa Senhora de Belem, de-

molia-se o velho mosteiro de Santa Cruz, e edificava-se sobre os seus alicerces outro mais vasto e sumptuoso.

Para esta obra mandou el-rei vir de França um architecto, *mestre Nicolau francez*, e mais tres artistas, tambem francezes, chamados: João de Ruão, Jaques de Loguim, e Filippe Uduarte.

Achâmos nomeados a todos estes artistas em varios livros e em alguns documentos antigos com o titulo de architectos; entretanto, cremos que só o primeiro é que delineou e dirigiu, como architecto, as reedificações do templo e mosteiro. Os outros tres artistas, embora fossem tambem architectos, trabalharam n'esta obra, segundo suppomos, unicamente como esculptores. O mesmo mestre Nicolau era egualmente habil esculptor, se foi elle, como parece, quem fez no reinado e por ordem del-rei D. João III o magnifico retabulo da egreja de Nossa Senhora da Pena, na serra de Cintra. Provém a falta de clareza de não darem appellido a este artista os auctores que fallam d'elle, contentando-se com o nomearem simplesmente *mestre Nicolau*. Julgâmos, porém, que lhe podêmos accrescentar, sem receio de menos exactos, o appellido de *Chatranez*.

Na descripção da egreja e mosteiro de Santa Cruz, inserta na chronica da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, tratando do rico portal do templo, que constitue a principal belleza da fachada, como acontece na egreja de Belem, lê-se o seguinte: «Este portal fez mestre Nicolau francez, e *trabalharam n'elle* os tres francezes, tambem grandes mestres, a saber: João de Ruão, Jaquez Loguim, e Filippe Uduarte; que pera esta obra, e pera a das sepulturas dos primeiros Reys d'este Reyno mandou vir de França o senhor rey D. Manoel de saudosa memoria.»

A descripção a que alludimos foi vertida do italiano, lingua em que a escreveu, no anno de 1540, D. Francisco de Mendanha, prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, a pedido do dom prior geral da mesma ordem, a fim de a remetter ao papa Paulo III, que, ouvindo fallar com encarecimento das grandezas do novo mosteiro de Santa Cruz, desejou vêl-as minuciosamente descriptas.

D. Francisco de Mendanha viveu nos reinados de D. Manuel e D. João III, e assistiu no mosteiro de Santa Cruz durante os trabalhos da dita reconstrucção. Foi, por conseguinte, não só contemporaneo dos artistas acima referidos, mas tambem testimunha ocular dos progressos da obra. Portanto, como não se póde crer que o edificio tivesse quatro architectos a dirigir a mesma obra, deve-se entender d'aquellas palavras *trabalharam n'elle* (no portal), que João de Ruão, Jaques de Loguin, e Filippe Uduarte foram occupados na esculptura das estatuas e mais obra de ornamentação do dito templo. N'aquella epocha era muito commum encontrar-se no mesmo artista um distincto architecto e um habil esculptor, como se via em Miguel Angelo Bounarotti, que, sendo um pintor tão eximio e afamado, exercia com muito credito aquelles dois ramos da arte.

Não sabemos ao certo o anno em que principiou a reedificação do mosteiro de Santa Cruz; consta, porém, que se trabalhava n'elle com muita actividade no anno de 1517, e que assim continuou até ao de 1521, em que falleceu el-rei D. Manuel. Este monarcha fez o claustro principal, chamado do *silencio;* a casa do capitulo; a sacristia, que ao diante se desfez, reconstruindo-se de novo; o refeitorio; a portaria e o claustro contiguo, com os dormitorios e mais officinas correspondentes a esta parte do edificio.

Deu principio el-rei D. João III a outras reedificações e construcções do mosteiro, correndo o anno de 1527, setimo do seu reinado. São obras suas o claustro denominado da *Manga*, os dormitorios e enfermaria que ficam sobre os quatro lanços do mesmo claustro, o noviciado, as hospedarias e mais casas de accommodação.

Posteriormente, em diversas epochas, fizeram-se no mosteiro e na egreja, á custa da ordem, várias obras de reconstrucção parcial.

IV

SITUAÇÃO DO MOSTEIRO, ADRO E FRONTARIA

O mosteiro de Santa Cruz, que, como em outro logar dissemos, fôra fundado na extremidade de oéste da cidade de Coimbra, da parte de fóra de seus muros, veiu a achar-se, pelo decurso do tempo e crescimento da povoação, quasi no centro d'esta.

Está sentado em terreno plano, outr'ora bastante elevado acima da superficie do Mondego, mas agora tão baixo pelo muito que tem subido o alveo do rio, por causa da accumulação das areias, que no inverno, apenas o Mondego sae do seu leito, inunda a praça fronteira á egreja, e o proprio templo, chegando muitas vezes a agua até ao altar-mór.

Aquella praça, chamada de *Sansão*, é pequena e guarnecida de casas de dois andares e mais. Do lado do oéste, que é o do rio, vem n'ella desembocar várias ruas estreitas e tristes, porque as apertam casas altas. Do lado do sul entra na praça a *rua do Visconde da Luz*, aberta modernamente, e já guarnecida de predios em quasi toda a sua extensão. Da parte do norte estende-se a formosa *rua da Sophia*, mui comprida, larga, direita, bem macadamisada, orlada de passeios e de várias egrejas e grandes edificios, que foram collegios de religiosos, e ao presente são propriedades particulares.

Precede o templo de Santa Cruz um adro, que na reedificação del-rei D. Manuel era mais espaçoso, e ficava mais alto que o pavimento da praça, subindo-se para elle por uma escada de pedra de quatro degraus. Actualmente descem-se sete degraus para o adro, que foi encurtado por occasião da abertura da rua do Visconde da Luz. A gravura que publicámos a pag. 33, cópia de uma photographia, representa o adro quando o tinham desfeito quasi todo para lhe darem a fórma semi-circular, em vez da quadrilonga, que d'antes tinha. Agora está fechado com grades de ferro.

A frontaria do templo é mais original que elegante e bella. Todavia não se póde dizer que é inteiramente desengraçada, apesar das suas fórmas massiças. Os corocheos em que terminam os dois torreões meio quadrangulares, meio octogonos, que flanqueiam o portal, dão alguma graça, e sobre tudo originalidade ao frontispicio. Porém, o que lhe dá verdadeiro realce e belleza é o portal e a grande janella que sobre elle se abre. Se bem que se não possa comparar em elegancia e grandeza, nem na variedade e riqueza da ornamentação, com o soberbo portal da egreja de Nossa Senhora de Belem, ainda assim é bello e rico. E parece que o architecto, empenhando n'elle toda a sua arte para o fazer sobresair, descurou o resto da fachada, que apenas mostra alguns singelos ornatos na parte superior.

É formado este portal por um arco de volta inteira com silvados, sobre o qual avultam, mettidas em nichos, as estatuas do Padre Eterno, do Salvador e da Virgem Maria, acompanhadas de outras representando alguns patriarchas e santos do velho testamento, tambem mettidas em nichos, aos lados d'aquellas, porém um pouco mais elevadas, de modo que ainda vão servir de adorno, com os baldaquinos que as cobrem, á grande janella que se abre por cima das tres estatuas nomeadas. Compõe-se a janella de differentes arcos

de volta inteira, com os espaços entre si esculpidos de variados lavores.

Junto do portal erguem-se, de um e outro lado, dois gigantes ou botaréos, que sobem a pouco mais de metade da altura da frontaria do templo. São quadrangulares e lisos na parte inferior; depois enfeitam-se com algumas esculpturas, até que lhes fazem remate dois nichos com estatuas, abrigadas sob rendilhados baldaquinos. *Portal da Magestade* lhe chamavam os conegos, em razão de estar n'elle representado o Creador do mundo.

A exposição d'este portal, e a qualidade da pedra, que é da que chamam de Ançã, tão facil de lavrar como de se deixar gastar pelo embate das tempestades, são causa de que esteja tão estragada toda a obra de esculptura, que não só mal se percebem os feitios dos lavores mais miudos, mas até as proprias estatuas se acham mais ou menos gastadas, e algumas d'ellas com as feições e fórmas quasi totalmente desfeitas.

Podia muito bem a ordem dos conegos regrantes, que era tão rica, e particularmente a communidade do mosteiro de Santa Cruz, que dispunha de tão avultados rendimentos, proceder á restauração do portico da sua egreja, pondo-o no estado em que o traçou e executou mestre Nicolau. Mas para isso era mister ter amor da arte e respeito aos monumentos. Contentaram-se, porém, os conegos de fortalecer o portal, construindo debaixo d'elle um segundo portico de cantaria, de moderna e prosaica architectura. E para encobrir esta desairosa enxertia, ou não sabemos mais para que fim, porque não serve de resguardo, mandaram edificar no adro, em frente do portal da egreja, e quasi junto d'elle, um portico de cantaria, inteiramente desligado do edificio, que podia ser arco triumphal, mas que lhe chamavam guarda vento.

Esta immensa mole, coroada pelo escudo das armas da ordem agostiniana, e por estatuas da Fama, foi erigida no seculo passado, e dizem que fez o risco um frade chamado José do Couto. Em outro qualquer logar seria um bonito portal, não obstante não se poder apontar como modêlo de bom gosto; mas alli, onde o collocaram, é um pejamento vergonhoso, ou, antes, uma affronta ao gothico monumento, que commemora duas das epochas mais gloriosas da historia de Portugal. Todavia, tanto se enlevaram n'elle os moradores da praça de Sansão e ruas adjacentes, que se oppozeram energicamente a que lh'o removessem d'alli quando, por occasião da abertura da rua do Visconde da Luz e das obras do adro, pretendeu a auctoridade desmanchal-o, conduzindo as pedras para o erigir de novo, se a memoria nos não falha, no cemiterio da cidade, onde serviria de porta principal.

É tempo, porém, de entrarmos na egreja.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

75.º

SYNTAXE DAS PREPOSIÇÕES

Para illustração da doutrina que expendemos n'outro artigo ácerca da syntaxe das preposições, e especialmente quanto á preposição *de*, sobre que fomos consultados e respondemos a pag. 232, vamos colligir alguns exemplos tirados dos nossos melhores prosadores, por onde se verá que é da indole e liberdade da lingua portugueza omittir esta preposição, requerida pela syntaxe regular, mas supprimida pela figurada, isto é, por ellipse, figura que dá muita rapidez, euphonia e concisão á nossa lingua.

As phrases comparativas, que se formam com os vocabulos: *mais, menos; maior, menor; melhor, peor;* se pedem para a regencia do seu complemento a preposição *de*, é costume supprimil-a, com tanto que não cause ambiguidade, hiato ou dissonancia tal suppressão; porque para evitar estes vicios, não só se conserva esta preposição, mas até se intromette, como veremos pelos exemplos que adiante serão transcriptos.

Para que os principiantes mais facilmente conheçam onde se póde fazer a suppressão, poremos entre parenthesis a preposição *de*.

Note-se que escolhemos principalmente as phrases comparativas, porque sobre essas é que muitos nos têem proposto dúvidas; e vemos que alguns escriptores contemporaneos lhes põem sempre a preposição.

«Por sua morte succedeu seu filho Bernam Soltan, que se jactava *(de)* proceder de sangue real.—Couto—*Dec.* v, 7, 6.

Ainda que na pomba se vejam muitas côres, não ha mais *(do)* que uma só. — Bluteau — *Vocab.*, palavra «Mais».

Não duvidando os moradores *(de)* que era contra elles. — Fr. Luiz de Sousa — *Annaes*, 47.

Temos conjecturas *(de)* que era natural e nascido, etc. — Fr. Luiz de Sousa — *H. de S. D.*, I, 264.

A diligencia dos auctores d'este seculo, a que devemos muito, póde fazer pouco mais *(do)* que emendar os erros alheios. — Duarte Ribeiro de Macedo — *Obras*, t. II, pag. 2.

Este (o conselho) é o grande elemento da vida civil, não menos necessario *(do)* que a agua e fogo para a vida natural. — *Ibid.*, t. II, pag. 50.

O modo de explicar não foi menos excellente *(do)* que a mesma doutrina. — Barreto — *Flos Sanctorum*.

De pedra dura que os corações fossem, por força se haviam de affeiçoar mais a uma pessoa *(do)* que a outra. — Sá de Miranda — *Vilhalpandos*, act. V.

Assim que sua mulher se declarava em favorecer uma criada mais *(do)* que as outras, etc. — D. Francisco Manuel de Mello — *Carta de Guia*.

Ha coisa mais horrenda? ha coisa mais inutil, ha coisa mais cheia de inconvenientes *(do)* que as trevas? — Vieira — *Sermões*, II, 30.

Cesar, que affectava o imperio, não podia ver-se menor *(do)* que Pompeo. — *Ibid.*

A quem já queres mais *(do)* que a mim: dize a verdade? — Garrett — *Fr. L. de Sousa*, pag. 140.»

Nenhum dos nossos proverbios em que ha comparativos tem a preposição *de;* signal evidente de que o uso antigo a evitava.

Mostram pois os exemplos apontados, ser unicamente indispensavel a conjuncção *que* entre os dois termos de comparação.

Agora daremos tambem exemplos de bons auctores, e alguns dos mesmos já apontados, que nas phrases comparativas usam da preposição *de*, para que se veja quaes são as liberdades e franquias da nossa lingua.

«Nenhuma coisa deu a natureza ao homem melhor *do* que o engenho. — Bluteau — *Vocab.*, palav. «Melhor».

Não ha homem mais a proposito para os negocios *do* que este. — *Ibid.*, palav. «Mais».

Elle é maior *do* que eu. Vi-me em maior perigo *do* que nunca. — Moraes — *Dicc.*, palav. «Maior».

Nada menos se persuade ao proximo *do* que o que se lhe intenta persuadir com modo apaixonado ou imperioso. — Bernardes — *Luz e Calor*, 229.

Parecem mais trabalhos (as figuras) para se moldarem... *do* que para se pintarem, etc. — Garrett — *Fr. L. de Sousa*, pag. 4.

Mas antes isso *do* que fazer fallar por versos meus o mais perfeito prosador da lingua. — *Ibid.*, pag. 8.

Nenhuma acção mais dramatica, mais tragica *do* que esta. — *Ibid.*, pag. 9.

Nas chronicas velhas que pouco mais eram *do* que as tradições populares escriptas. — *Ibid.*, pag. 161.»

(Continua) Silva Tullio.